

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP
CURSO DE PEDAGOGIA

ELIANA APARECIDA TOLEDO DA SILVA

ALUNOS COM INDICATIVOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO
ENSINO FUNDAMENTAL: AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO

BAURU

2016

ELIANA APARECIDA TOLEDO DA SILVA

**ALUNOS COM INDICATIVOS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO
ENSINO FUNDAMENTAL: AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Pedagogia, Departamento de
Educação, Faculdade de Ciências, UNESP de
Bauru.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Lúcia Messias
Fialho Capellini.

**BAURU
2016**

Silva, Eliana Aparecida Toledo da
Alunos com indicativos de altas habilidades/
superdotação no ensino fundamental: avaliação do
desempenho acadêmico / Eliana Aparecida Toledo da
Silva, 2016
44 f.

Orientadora: Vera Lúcia Messias Fialho
Capellini

Monografia (Graduação) - Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

1. Educação especial. 2. Altas habilidades/
superdotação. 3. Desempenho acadêmico. I.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

Examinador 1: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Messias Fialho Capellini

Examinador 2: Dr^a. Ketilin Mayra Pedro

Examinador 3: M^a. Gabriely Cabestré Amorim

Dedico este trabalho ao meu esposo Gilberto e aos meus
filhos Fernanda, Rogério e Bruno que me apoiaram e me
incentivaram plenamente durante todo o curso e me
ajudaram a superar os obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar e me dar forças para superar as dificuldades e finalizar esta etapa muito importante em minha vida.

Ao meu esposo pela compreensão e paciência nos momentos em que me dedicava mais aos trabalhos da faculdade do que aos trabalhos de casa. Aos meus filhos que me apoiaram e incentivaram nos momentos de dúvidas, em especial à minha filha, que além do apoio, revisava meus trabalhos antes da entrega.

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, pelo acolhimento, pelos ensinamentos, pelas valiosas oportunidades que me ofereceu nesse período e por ter acreditado em meu trabalho. Sou grata por ter sido orientada por uma pessoa que tanto me acrescentou pessoalmente e academicamente. Obrigada!!!

Ao Prof. Macioniro Celeste Filho que passou seus conhecimentos de forma agradável e muito bem humorada nas aulas de Metodologia da Pesquisa em Educação I e II e finalmente, mas não menos importante, a Prof^ª Thaís Tezani por suas orientações e incentivo nas aulas de TCC I e TCC II.

O cansaço físico, mesmo que suportado forçosamente, não prejudica o corpo, enquanto o conhecimento imposto à força não pode permanecer na alma por muito tempo.

Platão

RESUMO

A superdotação é definida como notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes; capacidade psicomotora. A identificação de pessoas com altas habilidades/superdotação tem sido realizada com o intuito de permitir que elas possam receber um atendimento que vá ao encontro de suas reais necessidades e interesses. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo avaliar o desempenho acadêmico de alunos do Ensino Fundamental I, visando a descrever o desempenho acadêmico, com vistas a identificar alunos com indicativos de altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico. A coleta de dados se deu a partir da aplicação do teste de desempenho escolar - TDE em alunos do Ensino Fundamental I, realizado em estudo anterior pelo grupo de Pesquisa: A Inclusão da pessoa com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nos diferentes contextos coordenado pela Professora Dr^a. Vera Lucia Messias Fialho Capellini. Os resultados apontaram no subteste de Escrita: 2 alunos com Classificação Médio Superior e 1 aluno Superior; no subteste de Aritmética: 2 alunos com Classificação Médio Superior; no subteste de Leitura: 3 alunos com Classificação Superior e no Escore Bruto Total: 2 alunos com Classificação Médio Superior e um aluno Superior. Conclui-se, ao verificar o desempenho acadêmico total dos alunos, que uma aluna do segundo ano encontra-se no nível Superior, o que pode ser um indicativo de altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico.

Palavras-chave: Educação Especial. Altas habilidades/superdotação. Desempenho Acadêmico.

ABSTRACT

High abilities is defined as outstanding levels of aptitude and high achievement capability in such areas isolated or combined as: general intellectual ability; specific academic aptitude; creative thinking and productive; leadership capacity; special talent for arts; psychomotor capacity. The identification of people with high abilities/giftedness has been made aiming to enable them to receive a service that meets their real needs and interests. Therefore, this study aims to evaluate the academic performance of elementary school students, designed to describe the academic performance, in order to identify students with indicators of high abilities/giftedness of the academic type. Data collection occurred from the application of the school performance test (from the Portuguese TDE) in the elementary school students, conducted in previous study by the Research group: Inclusion of people with disabilities, pervasive developmental disorders and high abilities/giftedness in different contexts coordinated by PhD Vera Lucia Messias Fialho Capellini. The results showed in the Writing subtest: 2 students Upper Middle and 1 student Superior; in subtest of Arithmetic: 2 students Upper Middle; in subtest Reading: 3 students Superior; and in the overall classification: 2 students Upper Middle and 1 student Superior. It follows to check the total student achievement, a second year student is in higher level, which may be an indicative of high abilities/giftedness of academic type.

Keywords: Special Education. High abilities/giftedness. Academic Performance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	10
3 OBJETIVO	15
4 MÉTODO	16
4.1 Local da Pesquisa	16
4.2 Participantes	16
4.3 Instrumento	18
4.4 Análise dos dados.....	19
5 RESULTADOS	20
6 DISCUSSÕES	38
7 CONCLUSÕES	41
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Em 2010 nasceu meu primeiro neto. Ao acompanhar seu desenvolvimento, notava que ele parecia “adiantado” para sua idade, surgiu, então, meu interesse em buscar respostas para o desenvolvimento do meu netinho, que para mim, era precoce.

Ao entrar em contato com minha orientadora, e sabendo da existência de um grupo de pesquisa sobre alunos com altas habilidades/superdotação coordenado por ela, inicia-se a investigação sobre o assunto. E a partir disso, questiona-se: é possível descrever o desempenho acadêmico de alunos de Ensino Fundamental I? Será que os alunos possuem indicativos de altas habilidade/superdotação? Por estas questões, o presente estudo objetiva avaliar o desempenho acadêmico de alunos do Ensino Fundamental I, visando descrever o desempenho acadêmico, com vistas a identificar alunos com indicativos de altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico.

O levantamento teórico acerca do tema foi efetuado com busca no banco de dados virtual ATHENAS da Universidade Estadual Paulista. Alguns títulos foram indicados pela orientadora, sendo definidas como prioridades as obras Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), Altas habilidades/superdotação: atendimento especializado (FREITAS; PÉREZ, 2012), Crianças Superdotadas: mitos e realidades (WINNER, 1998), Altas habilidades/superdotação: abordagem ao longo da vida, (MOSQUERA; STOBBAUS; FREITAS, 2013), A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes, (NEGRINI; FREITAS, 2008), Práticas educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação (SABATELA; CUPERTINO, 2007), Estratégias de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007).

2 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Ao considerar que todos os alunos têm direito a uma Educação Inclusiva, os alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) são considerados público-alvo¹ da Educação Especial, sendo que neste contexto, este aluno tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Renzulli (2005), um dos principais pesquisadores da área, dividiu a definição de AH/SD em duas categorias: superdotação acadêmica e superdotação criativo-produtiva. A primeira categoria, também conhecida como “habilidade do teste ou da lição de aprendizagem” (VIRGOLIM, 2014, p. 283), é facilmente identificada pelos testes de Quociente de Inteligência (QI), como WISC-IV, pois as habilidades mensuradas por esses testes são as mesmas exigidas no contexto de aprendizagem escolar. Já a habilidade criativo-produtiva tem como característica o uso e a aplicação do conteúdo, o pensamento de forma integrada e indutiva para solução de problemas reais (VIRGOLIM, 2014).

A Educação Especial é “a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2013, art.58 da lei 9394/96). Neste sentido, “haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial” e “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (BRASIL, 1996, art.58, parágrafos 1º e 2º).

Por isso, os sistemas oferecerão a estes alunos “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 1996, art.59, I).

A Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) garante no capítulo III na seção I, no artigo 205 que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e por isso, em seu artigo 206, IV, garante a “gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais”. Nesse sentido, a lei 9394/1996 oferece no título II, artigo 4º, regulamentada pela lei 12796/2013 (BRASIL, 2013) “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com

¹ Considera-se público-alvo da educação especial as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011 - parágrafo 1º do artigo 1º).

deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino”.

A superdotação é definida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) como:

Notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes; capacidade psicomotora. (BRASIL, 1998, p. 25)

Winner (1998) afirma que algumas pessoas dizem que as crianças superdotadas são compelidas e instigadas por pais superambiciosos, e por isso acredita que “as crianças cujos pais as orientam cedo demais a aperfeiçoar seu desempenho, fatalmente terminarão como adolescentes ressentidos, desengajados e deprimidos que perderam todo o interesse em um desempenho superior” (WINNER, 1998, p. 145). Dessa maneira, ressalta que os pais destas crianças podem ser aconselhados a “deixar os filhos em paz e permitir que eles brinquem como crianças normais” (WINNER, 1998, p. 145).

Mosquera, Stobaus e Freitas (2013, p. 403) apontam que as pessoas com AH/SD “têm uma grande capacidade em relação a um ou mais aspectos de inteligência ou, ainda, uma grande destreza para uma habilidade, ou um comportamento específico” e ainda afirmam que elas possuem uma inteligência excepcional, “pela rapidez e facilidade que têm para aprender, combinar e utilizar os conhecimentos, com estrutura de sistemas de processamento de informação e de seus conteúdos, superior a seus pares”. Os autores complementam que:

Na vida adulta, pessoas intelectualmente superdotadas também dispõem de capacidades, potencialidades e recursos que facilitam sua adaptação ao meio. Porém, devemos levar em conta a importância das relações com o entorno, no qual as pessoas se desenvolvem, favorecendo (ou não) o seu desenvolvimento global. Gostaríamos de chamar a atenção para a ideia de que existiriam dois tipos de adultos com altas habilidades/superdotação, os superdotados adaptados e os não-adaptados. Esta diferenciação cria a grande expectativa de que é necessário educar estas pessoas desde crianças, para que possam ter um melhor encaminhamento em suas vidas desde cedo. (MOSQUERA; STOBAUS; FREITAS, 2013, p. 404).

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4.024, nos seus Artigos 88 e 89, ao fazer referência à “educação de excepcionais”, deixa subentendida a inclusão dos alunos com AH/SD nessa modalidade de educação (BRASIL, 1961, p. 15). O compromisso com esses alunos é reafirmado pela LDB nº 5.692 de 1971, de forma explícita:

Art. 9º Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação. (BRASIL, 1971, p. 3).

Negrini e Freitas (2008, p. 282) garantem que:

[...] as altas habilidades podem se apresentar, independente da classe social e das condições físicas presentes. Nas classes ou grupos desprivilegiados, as características de altas habilidades podem ficar camufladas e por isso se torna mais difícil a identificação, necessitando de uma atenção especial para sua avaliação.

Na perspectiva da educação para todos, Freitas e Pérez (2012, p. 7) afirmam que esta se constitui em um grande desafio, pois “a realidade aponta para uma numerosa parcela de excluídos do sistema educacional brasileiro” e confirmam que dentre estes alunos excluídos estão também, os alunos com AH/SD. Além disso, ressaltar a inclusão dos alunos com AH/SD “ainda se faz necessário, uma vez que as escolas ainda não se sentem preparadas para atendê-los e, mesmo sem perceber, realizam práticas excludentes e desestimulantes para estes alunos, que vão à escola em busca de novos desafios para a aprendizagem” (NEGRINI; FREITAS, 2008, p. 283).

Sabatela e Cupertino (2007) afirmam que um dos mitos sobre os alunos com AH/SD é a ideia de que eles podem desenvolver seu potencial sem precisar de ajuda, e apontam que:

É um engano pensarmos que esses indivíduos têm recursos suficientes para desenvolverem sozinhos suas habilidades, não sendo necessária uma intervenção do ambiente; a realidade é que alunos com altas habilidades/superdotação necessitam de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras que estimulem seu potencial (SABATELA; CUPERTINO, 2007, p. 74)

A partir disso, cabe ressaltar que os instrumentos para identificação dos alunos com AH/SD são diversos, e muitas vezes são subsidiados por referenciais teóricos que não são compatíveis, como alertam Freitas e Pérez (2012), e as autoras indicam que “os conceitos de inteligência e de AH/SD – extremamente vinculados entre si – e os indicadores neles utilizados devem refletir essa sincronia” (FREITAS; PÉREZ, 2012, p. 17).

Negrini e Freitas (2008) afirmam que a identificação de pessoas com AH/SD tem sido realizada não com intuito de “rotular”, mas de permitir que eles “possam receber um atendimento que vá ao encontro de suas reais necessidade e interesses, para que possa estar desenvolvendo e estimulando suas habilidades e assim constituir uma vida de forma

satisfatória e com qualidade” (NEGRINI; FREITAS, 2008, p. 278). Além disso, os autores ressaltam que:

[...] o processo de identificação realizado precocemente contribui na prevenção de problemas de aprendizagem e de fracasso escolar, tendo em vista que tem como intuito orientar pais e professores na organização do espaço e das estratégias escolares para a valorização e o desenvolvimento destes alunos. Porém este não é um processo fácil e precisa do envolvimento e comprometimento das pessoas envolvidas. (NEGRINI; FREITAS, 2008, p. 281)

Guimarães e Ourofino (2007) discorrem que o processo de identificação dos alunos com AH/SD deve estar diluído em diversas fases e a identificação precoce é necessária para assegurar o desenvolvimento saudável de crianças superdotadas. As autoras afirmam que os instrumentos de identificação mais utilizados nos programas de atendimento aos alunos com AH/SD são “testes psicométricos; escalas de características; questionários; observação do comportamento; entrevistas com a família e professores, entre outros” (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007, p.55).

Neste sentido, Delou (1987, apud GUIMARÃES; OUROFINO, 2007) elaborou uma lista de indicativos de superdotação, para observar um aluno em sala de aula, como por exemplo:

[...] o aluno demonstra prazer em realizar ou planejar quebra-cabeças e problemas em forma de jogos; o aluno mantém e defende suas próprias ideias; aluno sente prazer em superar os obstáculos ou as tarefas consideradas difíceis; aluno dirige mais sua atenção para fazer coisas novas do que para o que já conhece e/ou faz; aluno usa métodos novos em suas atividades, combina ideias e cria produtos diferentes; aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos (DELOU, 1987, apud, GUIMARÃES; OUROFINO, 2007, p. 57).

Outras fontes que podem fornecer informações sobre o aluno são jogos, exercícios e dinâmicas, que auxiliam na avaliação de características associadas à superdotação, como por exemplo, jogos de quebra-cabeça e memória (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007). Além disso, os autores apontam que o “desempenho do aluno em exercícios de criatividade e autoconceito também oferecem subsídios importantes no processo de identificação de altas habilidades” (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007, p. 59).

Após observar estes alunos em sala de aula e avalia-los, deve ocorrer o encaminhamento adequado dos mesmos, para que se desenvolvam as habilidades identificadas e seja oferecida uma formação ampla ao aluno de acordo com suas potencialidades (SABATELA; CUPERTINO, 2007). Desta maneira:

Planejar alternativas de atendimento ao aluno com altas habilidades, que atinjam suas reais necessidades, expectativas dos pais, bem como correspondam à filosofia educacional das escolas, sem entrar em conflito com o ensino regular, é um trabalho que deve ser executado com habilidade e critério. Uma ideia importante de se ter em mente ao fazer esse planejamento é a de que os modelos existentes são sugestões de estratégias e que o mais relevante é se ater, inicialmente, ao que é possível fazer em cada situação específica, ampliando posteriormente o atendimento conforme for existindo maior abertura ou oferta de recursos por parte das instituições (SABATELA; CUPERTINO, 2007, p. 69).

Assim, Sabatela e Cupertino (2007) trazem as três principais modalidades existentes no atendimento aos alunos com AH/SD: agrupamento específico, flexibilização/aceleração e enriquecimento.

As formas de enriquecimento devem ser pensadas, a partir das necessidades dos alunos com AH/SD, e podem beneficiar também os outros alunos e os professores, conforme afirmam Freitas e Pérez (2012):

É possível pensar em formas de enriquecimento que, partindo das necessidades educacionais dos alunos com AH/SD, possam constituir uma alternativa pedagógica para estes alunos e mais – uma oportunidade de enriquecimento, não somente para todos os demais alunos como também para os próprios docentes. (FREITAS; PÉREZ, 2012, p. 91).

Não podemos deixar que os alunos com AH/SD sejam “esquecidos” depois que foram encaminhados para o AEE, por isso, Freitas e Pérez (2012, p. 62) alertam que:

Parece que, uma vez identificado, esse aluno é encaminhado ao AEE é “esquecido novamente”, como se o atendimento proporcionado, algumas vezes por semana “normalizasse” esse aluno, retirando dele suas necessidades educacionais especiais. No entanto, a pessoa com AH/SD continua com as mesmas características nos demais dias da semana e em outros ambientes, embora não em todas as áreas, e não raramente poderá apresentar também dificuldades em outras.

Freitas e Pérez (2012, p. 62) afirmam que “o enriquecimento extracurricular é uma alternativa já posta em prática em alguns estados brasileiros em salas de recursos para alunos com AH/SD e em centros privados de atendimento, mas, na sala de aula, esse aluno continua invisível”. Por isso, somente a sala de aula não é suficiente para suprir as necessidades de um aluno público-alvo da Educação Especial.

3 OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo avaliar o desempenho acadêmico de alunos do Ensino Fundamental I, visando descrever o desempenho acadêmico, com vistas a identificar alunos com indicativos de altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico.

4 MÉTODO

A pesquisa de natureza descritiva teve como base a pesquisa quali-quantitativa, pois utilizou-se teste padronizado e realizou-se análise qualitativa e quantitativa do desempenho acadêmico dos estudantes.

4.1 Local da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental I da rede pública de ensino da cidade de Bauru, a partir dos contextos das pesquisas do Grupo de Pesquisa “A Inclusão da pessoa com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nos diferentes contextos”, coordenado pela Professora Dra. Vera Lucia Messias Fialho Capellini.

Pesquisa anterior à presente pesquisa havia sido realizada na escola em questão com os alunos do primeiro ao quinto anos, avaliando e identificando todos os alunos desta escola. No ano seguinte, os alunos ingressantes na escola e os alunos do primeiro ano que não haviam sido avaliados, foram indicados pelos seus professores para realizarem o teste. Neste sentido, a atual pesquisa complementa os dados da pesquisa realizada anteriormente (MENDONÇA, 2015).

4.2 Participantes

Participaram deste estudo 51 alunos do primeiro ano, 6 alunos do segundo, 2 do terceiro e 1 do quarto, uma vez que estes ainda não estavam na escola pesquisada e portanto não foram avaliados na pesquisa realizada anteriormente. No Quadro 1 é possível verificar a caracterização de cada participante.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

PARTICIPANTE	IDADE	ANO ESCOLAR	SEXO
A1	6 anos	1 ano	FEMININO
A2	6 anos	1 ano	MASCULINO
A3	6 anos	1 ano	FEMININO

A4	6 anos	1 ano	FEMININO
A5	6 anos	1 ano	MASCULINO
A6	6 anos	1 ano	FEMININO
A7	6 anos	1 ano	MASCULINO
A8	7 anos	1 ano	MASCULINO
A9	6 anos	1 ano	MASCULINO
A10	6 anos	1 ano	FEMININO
A11	6 anos	1 ano	FEMININO
A12	6 anos	1 ano	MASCULINO
A13	6 anos	1 ano	FEMININO
A14	6 anos	1 ano	MASCULINO
A15	6 anos	1 ano	MASCULINO
A16	6 anos	1 ano	MASCULINO
A17	6 anos	1 ano	FEMININO
A18	6 anos	1 ano	FEMININO
A19	6 anos	1 ano	FEMININO
A20	7 anos	1 ano	MASCULINO
A21	6 anos	1 ano	FEMININO
A22	6 anos	1 ano	MASCULINO
A23	6 anos	1 ano	FEMININO
A24	6 anos	1 ano	MASCULINO
A25	6 anos	1 ano	MASCULINO
A26	6 anos	1 ano	FEMININO
A27	6 anos	1 ano	MASCULINO
A28	6 anos	1 ano	MASCULINO
A29	7 anos	1 ano	MASCULINO
A30	6 anos	1 ano	FEMININO
A31	6 anos	1 ano	MASCULINO
A32	6 anos	1 ano	FEMININO
A33	6 anos	1 ano	MASCULINO
A34	6 anos	1 ano	MASCULINO
A35	6 anos	1 ano	MASCULINO
A36	6 anos	1 ano	FEMININO
A37	6 anos	1 ano	FEMININO
A38	6 anos	1 ano	MASCULINO
A39	6 anos	1 ano	FEMININO
A40	6 anos	1 ano	FEMININO
A41	6 anos	1 ano	MASCULINO
A42	6 anos	1 ano	FEMININO
A43	6 anos	1 ano	FEMININO
A44	6 anos	1 ano	MASCULINO
A45	6 anos	1 ano	FEMININO
A46	6 anos	1 ano	MASCULINO
A47	6 anos	1 ano	MASCULINO
A48	6 anos	1 ano	FEMININO

A49	6 anos	1 ano	MASCULINO
A50	6 anos	1 ano	FEMININO
A51	6 anos	1 ano	FEMININO
A52	7 anos	2 ano	MASCULINO
A53	8 anos	2 ano	FEMININO
A54	7 anos	2 ano	FEMININO
A55	7 anos	2 ano	MASCULINO
A56	7 anos	2 ano	MASCULINO
A57	7 anos	2 ano	FEMININO
A58	9 anos	4 ano	MASCULINO
A59	8 anos	3 ano	MASCULINO
A60	8 anos	3 ano	FEMININO

Fonte: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

4.3 Instrumento

A coleta de dados se deu a partir da aplicação do Teste de Desempenho Escolar - TDE (STEIN, 2015). O TDE é um instrumento psicométrico que avalia capacidades fundamentais do desempenho escolar, composto por três subtestes: Escrita (escrita do nome próprio e de palavras isoladas, apresentadas, sob a forma de ditado); Aritmética (solução oral de problemas e cálculo de operações aritméticas por escrito) e Leitura (reconhecimento de palavras isoladas do contexto). Esse teste foi elaborado a partir da realidade brasileira e é utilizado com estudantes de 1ª a 6ª série do Primeiro Grau atualmente alunos do ciclo I do Ensino Fundamental. O levantamento dos dados desse teste é feito pela soma dos itens respondidos corretamente, sendo que cada item correto vale (1) um ponto. A soma dos pontos correspondentes aos itens corretos de cada um dos subtestes é denominada Escore Bruto (EB). Assim, o somatório dos Escores Brutos dos três subtestes vem a ser o Escore Bruto Total (EBT). O TDE disponibiliza tabelas de normas, onde classifica, dependendo do Escore Bruto obtido, os seguintes níveis de classificação: para a primeira série, Superior (S), Médio Superior (MS), Médio Inferior (MI) e Inferior (I); e da segunda à sexta série, Superior (S), Médio (M) e Inferior (I).

A aplicação do teste se realizou em grupos de 3 a 5 alunos por vez. A aplicação foi realizada na própria escola. Os dados coletados foram analisados seguindo a orientação do teste padronizado, que a partir dos resultados foi realizada a classificação do desempenho.

4.4 Análise dos dados

Embora o TDE não solicite tratamento estatístico, após aplicação dos testes, foi realizada tabulação dos dados, os quais foram preparados para serem utilizados no *software* IBM SPSS *Statistics*, versão 24, e então foram realizados cruzamentos dos dados coletados. A partir das tabulações cruzadas realizou-se estatística descritiva dos dados para apresentação dos resultados.

5 RESULTADOS

A seguir estão apresentados os resultados encontrados com os dados coletados por meio da aplicação do TDE.

Na Tabela 1 estão descritas as características dos alunos participantes de acordo sexo e ano escolar, e a Tabela 2 descreve as características de acordo com sexo e idade. Vale destacar que 51 alunos foram avaliados no primeiro ano, 6 alunos no segundo ano, 2 alunos foram avaliados no terceiro ano e 1 aluno no quarto ano, totalizando 60 alunos com idade entre 6 e 9 anos.

Tabela 1 – Frequência e porcentagem de sexo e ano escolar dos participantes

SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL	%
FEMININO	25	3	1	0	29	48,3%
MASCULINO	26	3	1	1	31	51,7%
TOTAL	51	6	2	1	60	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Tabela 2 – Frequência e porcentagem de sexo e idade dos participantes

SEXO	f6 ANOS	f7ANOS	f8 ANOS	f9 ANOS	fTOTAL	%
FEMININO	25	2	2	0	29	48,3%
MASCULINO	23	6	1	1	31	51,7%
TOTAL	48	8	3	1	60	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No Quadro 2 verifica-se a pontuação e a classificação de cada participante conforme os itens avaliados pelo teste, como escrita, aritmética, leitura, além da classificação total.

Quadro 2 – Classificação Escrita, Aritmética, Leitura e Classificação total dos participantes

Participante	Escrita	Class.	Aritmética	Class.	Leitura	Class.	Total	Class.
A1	1	I	2	I	0	I	3	I
A2	1	I	0	I	0	I	1	I
A3	1	I	1	I	0	I	2	I
A4	1	I	1	I	0	I	1	I
A5	3	MI	0	I	8	MI	11	MI
A6	1	I	3	MI	0	I	3	I
A7	17	MS	4	MI	63	S	84	MS
A8	0	I	5	MI	0	I	5	I
A9	1	I	0	I	0	I	1	I

A10	1	I	1	I	0	I	2	I
A11	1	I	1	I	0	I	2	I
A12	0	I	0	I	0	I	0	I
A13	2	MI	3	MI	0	I	5	I
A14	1	I	2	I	0	I	3	I
A15	2	MI	4	MI	2	MI	8	I
A16	1	I	2	I	0	I	3	I
A17	4	MI	6	MI	9	MI	19	MI
A18	1	I	0	I	0	I	1	I
A19	3	MI	5	MI	13	MI	21	MI
A20	2	MI	6	MI	8	MI	16	MI
A21	17	MS	3	MI	64	S	84	MS
A22	1	I	3	MI	0	I	4	I
A23	5	MI	3	MI	2	MI	10	MI
A24	3	MI	5	MI	5	MI	13	MI
A25	2	MI	4	MI	2	MI	8	I
A26	1	I	0	I	0	I	1	I
A27	1	I	0	I	0	I	1	I
A28	0	I	0	I	0	I	0	I
A29	2	MI	3	MI	0	I	5	I
A30	0	I	2	I	0	I	2	I
A31	1	I	1	I	0	I	2	I
A32	3	MI	4	MI	0	I	7	I
A33	1	I	2	I	1	I	4	I
A34	1	I	3	MI	0	I	4	I
A35	1	I	0	I	0	I	1	I
A36	2	MI	4	MI	0	I	6	I
A37	1	I	1	I	0	I	2	I
A38	1	I	2	I	0	I	3	I
A39	2	MI	1	I	0	I	3	I
A40	1	I	3	MI	0	I	4	I
A41	2	MI	7	MS	3	MI	12	MI
A42	1	I	3	MI	0	I	4	I
A43	2	MI	2	I	7	MI	11	MI
A44	3	MI	4	MI	12	MI	19	MI
A45	3	MI	3	MI	2	MI	8	I
A46	1	I	4	MI	0	I	5	I
A47	2	MI	5	MI	0	I	7	I
A48	3	MI	3	MI	19	MI	25	MI
A49	1	I	2	I	0	I	3	I
A50	0	I	3	MI	0	I	3	I
A51	1	I	2	I	0	I	3	I
A52	1	I	3	MI	0	I	4	I
A53	1	I	2	I	0	I	3	I
A54	19	S	8	MS	66	S	93	S

A55	1	I	2	I	0	I	3	I
A56	1	I	5	MI	0	I	6	I
A57	0	I	2	I	0	I	2	I
A58	25	M	10	I	66	M	101	I
A59	1	I	4	I	0	I	5	I
A60	1	I	2	I	0	I	3	I

Legenda: I: Inferior; MI: Médio Inferior; M: Médio; MS: Médio Superior; S: Superior.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O Teste de Desempenho Acadêmico (STEIN, 2015) avalia as habilidades do aluno em Escrita, Aritmética e Leitura, e assim, foi descrito o desempenho dos alunos em cada subteste.

O Teste também apresenta uma previsão de Escore Bruto de acordo com a Idade, sendo que para Escrita, espera-se que abaixo de 7 anos o aluno alcance o EB < ou = a 9, com 7 anos espera-se EB de 10, aos 8 anos EB = 17, e com 9 anos a previsão é de que o aluno alcance um EB de 22.

As pontuações alcançadas no subteste de Escrita foram 0, 1, 2, 3, 4, 5, 17, 19 e 25, e são os escores brutos dos alunos neste subteste. Dessa maneira é possível verificar EB previsto para a idade em Escrita.

Considerando os 51 alunos do primeiro ano, que possuem idade entre 6 e 7 anos, obteve-se pontuação entre 0 e 17, sendo destes, 49 alunos (24=F, 25=M) com pontuação abaixo de 10 pontos e 2 alunos (1=F, 1=M) com 17 pontos, ou seja, acima do previsto.

Entre os seis alunos do segundo ano avaliados, e considerando que alunos de segundo ano possuem 7 anos, 5 alunos (2=F, 3=M) tiveram pontuação entre 0 e 1, e uma aluna com pontuação igual a 19, sendo que o previsto para 7 anos era 10 pontos.

Verificando os dois alunos do terceiro ano, que tem 8 anos de idade, a aluna e o aluno avaliados, tiveram pontuação = 1, abaixo do previsto, que era 17 pontos.

Considerando o aluno avaliado no quarto ano, com idade de 9 anos, foi obtida pontuação = 25, portanto ele obteve pontuação de acordo com o previsto para a idade, que era acima de 22 pontos.

Verifica-se na Tabela 3, Escores Brutos dos alunos no subteste de Escrita de acordo com sexo e ano escolar.

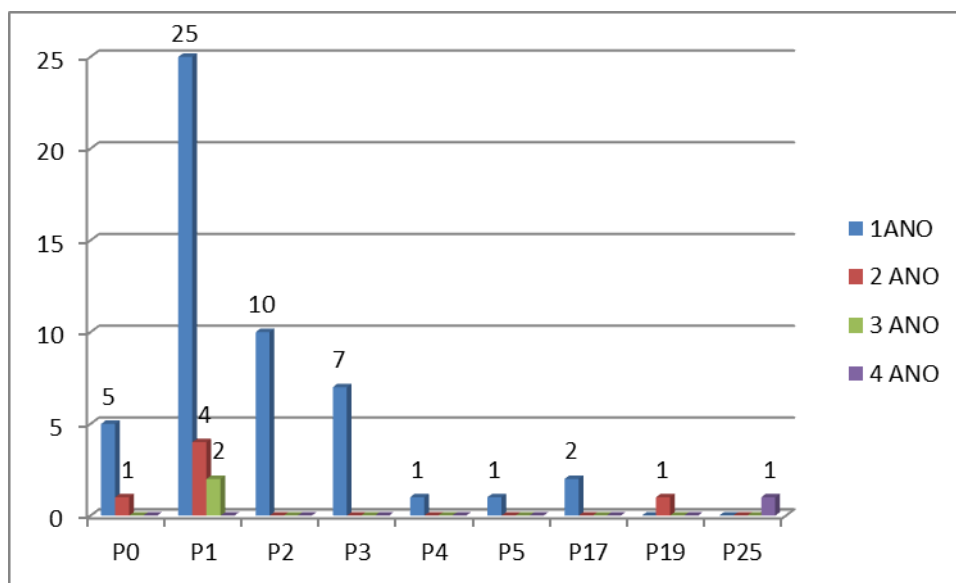
Tabela 3 – Escore Bruto dos alunos por sexo e ano no subteste de Escrita

Pontuação	SEXO	f1ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
0	F	2	1	0	0	3
	M	3	0	0	0	3
1	F	12	1	1	0	14
	M	13	3	1	0	17
2	F	4	0	0	0	4
	M	6	0	0	0	6
3	F	4	0	0	0	4
	M	3	0	0	0	3
4	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
5	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
17	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
19	F	0	1	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
25	F	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	1	1
Total	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Após verificar as pontuações alcançadas pelos alunos avaliados do primeiro ao quarto anos, de acordo com sexo e ano escolar, é possível verificar, no Gráfico 1, a pontuação geral dos alunos no subteste de Escrita conforme o ano escolar.

Gráfico 1 – Pontuação dos alunos no subteste de Escrita conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Prosseguindo com a pontuação dos alunos, verifica-se sua classificação para o subteste de Escrita segundo os Escores Brutos obtidos.

Para primeiro e segundo anos, o aluno que alcançasse até 1 ponto era classificado como Inferior, de 2 a 11 pontos Médio Inferior, entre 12 e 18 pontos era classificado como Médio Superior e 19 pontos ou mais como Superior.

Sendo assim, dos 51 alunos do primeiro ano, 30 alunos (14=F, 16=M) obtiveram classificação Inferior, 19 alunos (10=F, 9=M) ficaram na classificação Médio Inferior, e 2 alunos (1=F, 1=M) obtiveram classificação Médio Superior.

Dos 6 alunos avaliados do segundo ano, 5 alunos (2=F, 3=M) ficaram na classificação Inferior e uma aluna foi classificada como Superior.

Para os alunos de terceiro e quarto anos, a Classificação foi dividida apenas em Inferior, Médio e Superior.

A classificação para o terceiro ano é Inferior para pontuação até 19, Médio para pontuação entre 20 e 26, e Superior com 27 pontos ou mais. Portanto, analisando os dois alunos do terceiro ano, ambos (1=F, 1=M) obtiveram Classificação Inferior.

E, por fim, para o quarto ano, a Classificação é Inferior para pontuação até 23, Médio para pontos entre 24 e 29, e Superior com 30 pontos ou mais. Sendo assim, o aluno avaliado no quarto ano ficou classificado como Médio no subteste de Escrita.

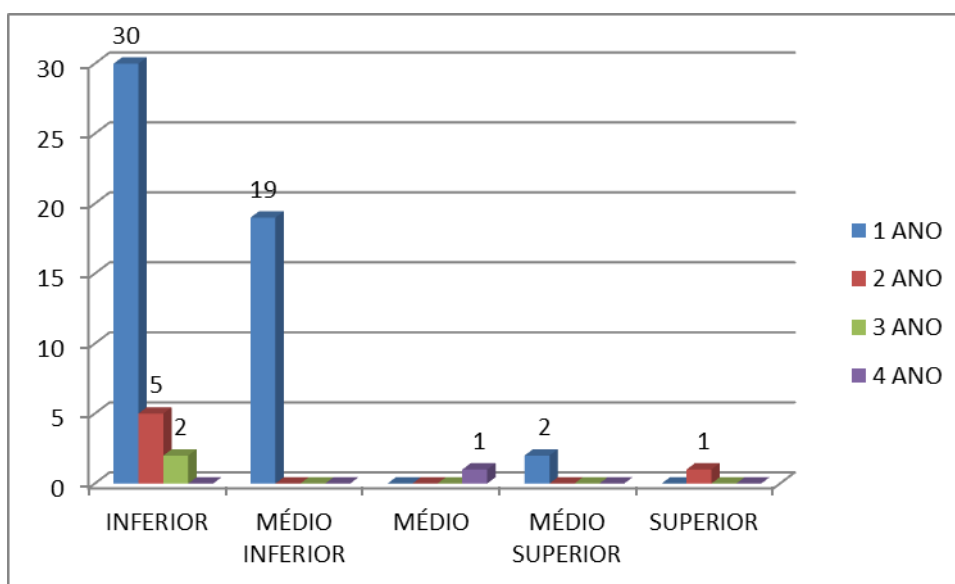
Na Tabela 4 é possível verificar a classificação dos alunos no subteste de Escrita de acordo com sexo e ano escolar, e no Gráfico 2 está ilustrada a classificação geral de acordo com o ano escolar.

Tabela 4 – Classificação dos alunos por sexo e ano no subteste de Escrita

CLASSIFICAÇÃO	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
INFERIOR	F	14	2	1	0	17
	M	16	3	1	0	20
MÉDIO INFERIOR	F	10	0	0	0	10
	M	9	0	0	0	9
MÉDIO	F	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	1	1
MÉDIO SUPERIOR	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
SUPERIOR	F	0	1	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
TOTAL	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Gráfico 2 – Classificação dos alunos no subteste de Escrita conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Conforme informado anteriormente, o Teste de Desempenho Acadêmico (STEIN, 2015) apresenta uma previsão de Escore Bruto de acordo com a Idade. No subteste de Aritmética, está previsto que abaixo de 7 anos o aluno obtenha o EB $<$ ou $=$ a 3, com 7 anos espera-se EB de 4, aos 8 anos EB = 9, e com 9 anos a previsão é de que o aluno atinja um EB de 13.

As pontuações obtidas no subteste de Aritmética foram 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 10, e, portanto, são os seus escores brutos neste subteste.

Os 51 alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos, obtiveram pontuação entre 0 e 7, sendo destes, 37 alunos (21=F, 16=M) com pontuação até 3, que era o esperado para alunos abaixo de 7 anos, e 14 alunos (4=F, 10=M) com pontuação a partir de 4, o que era previsto para crianças de 7 anos.

Os 6 alunos do segundo ano, com 7 anos de idade, obtiveram pontuação entre 2 e 8, sendo que 4 alunos (2=F, 2=M) obtiveram pontuação menor ou igual a 3, que era o previsto para alunos com idade inferior a 7 anos, e apenas 2 alunos (1=F, 1=M) obtiveram pontuação a partir de 4, que era o previsto para os alunos de 7 anos.

Os 2 alunos do terceiro ano, com 8 anos de idade, obtiveram pontuação entre 2 e 4, porém o previsto para sua idade era 9 pontos em Aritmética. A aluna pontuou 2 e o aluno pontuou 4.

O aluno avaliado no quarto ano, com 9 anos de idade, obteve 10 pontos, não obtendo, também, a pontuação prevista para sua idade no subteste de aritmética, que era 13 pontos.

Verifica-se, portanto, na Tabela 5 a seguir, Escore Bruto dos alunos no subteste de Aritmética de acordo com sexo e ano escolar.

Tabela 5 – Escore Bruto dos alunos por sexo e ano no subteste de Aritmética

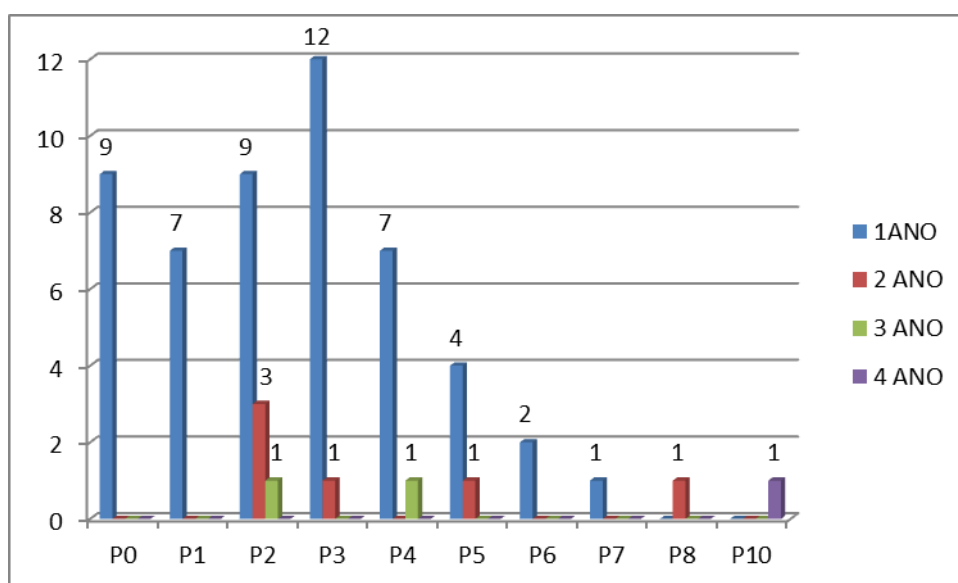
Pontuação	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
0	F	2	0	0	0	2
	M	7	0	0	0	7
1	F	6	0	0	0	6
	M	1	0	0	0	1
2	F	4	2	1	0	7
	M	5	1	0	0	6
3	F	9	0	0	0	9
	M	3	1	0	0	4
4	F	2	0	0	0	2

	M	5	0	1	0	6
5	F	1	0	0	0	1
	M	3	1	0	0	4
6	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
7	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
8	F	0	1	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
10	F	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	1	1
Total	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Após analisar as pontuações obtidas pelos alunos de primeiro a quarto anos, segundo sexo e ano escolar, verifica-se, no Gráfico 3, a pontuação geral dos alunos no subteste de Aritmética de acordo com o ano escolar.

Gráfico 3 – Pontuação dos alunos no subteste de Aritmética conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Continuando com a pontuação dos alunos, verifica-se sua classificação para o subteste de Aritmética segundo os Escores Brutos obtidos. Novamente houve diferença na divisão da classificação entre os alunos de primeiro e segundo anos, e os alunos de terceiro e quarto anos.

Para primeiro e segundo anos, o aluno que alcançasse até 2 pontos era classificado como Inferior, de 3 a 6 pontos Médio Inferior, entre 7 e 8 pontos era classificado como Médio Superior e 9 pontos ou mais como Superior.

Dessa maneira, dos 51 alunos do primeiro ano, 25 alunos (12=F, 13=M) obtiveram classificação Inferior, 25 alunos (13=F, 12=M) obtiveram classificação Médio Inferior, e 1 aluno ficou na classificação Médio Superior.

No segundo ano, dentre os 6 alunos, 3 alunos (2=F, 1=M) ficaram na classificação Inferior, 2 alunos ficaram na classificação Médio Inferior e uma aluna ficou na classificação Superior.

Para os alunos de terceiro e quarto anos, a classificação foi dividida apenas em Inferior, Médio e Superior.

Para o terceiro ano, a classificação é Inferior até 9 pontos, Médio entre 10 e 13 pontos, e Superior 14 pontos ou mais. Por isso, os dois alunos do terceiro ano (1=F, 1=M) obtiveram Classificação Inferior.

No quarto ano, a classificação é Inferior até 14 pontos, Médio entre 15 e 17 pontos, e Superior com 18 pontos ou mais. Assim, o aluno avaliado no quarto ano ficou com classificação Inferior.

Na Tabela 6 é possível verificar a classificação dos alunos no subteste de Aritmética.

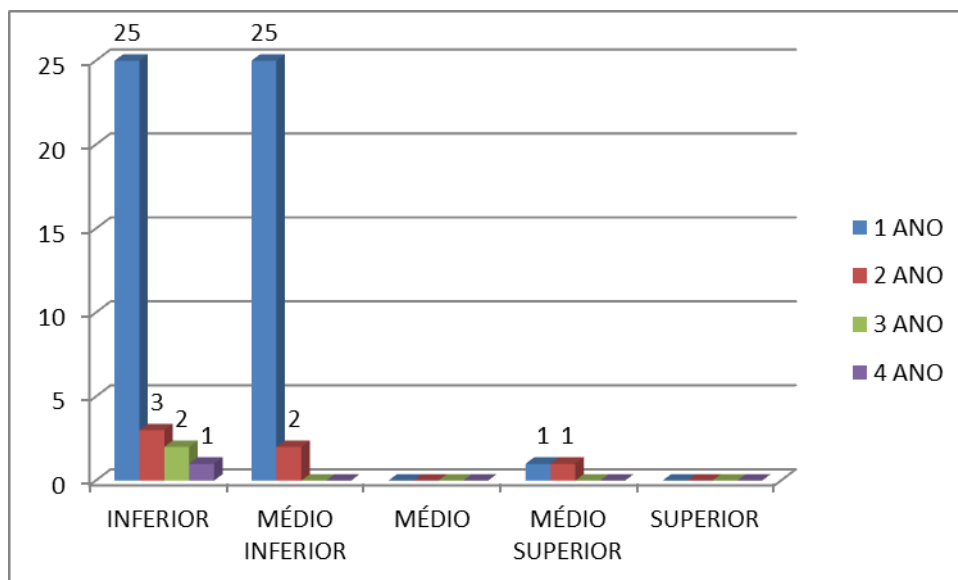
Tabela 6 – Classificação dos alunos por sexo e ano no subteste de Aritmética

CLASSIFICAÇÃO	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
INFERIOR	F	12	2	1	0	15
	M	13	1	1	1	16
MÉDIO INFERIOR	F	13	0	0	0	13
	M	12	2	0	0	14
MÉDIO SUPERIOR	F	0	1	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
TOTAL	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No Gráfico 4 verifica-se a classificação geral dos alunos no subteste de Aritmética de acordo com o ano escolar.

Gráfico 4 – Classificação dos alunos no subteste de Aritmética conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Como já informado, o Teste de Desempenho Acadêmico (STEIN, 2015) apresenta uma previsão de Escore Bruto de acordo com a Idade, e o subteste de Leitura prevê que abaixo de 7 anos o aluno obtenha o EB < ou = a 30, com 7 anos prevê-se EB de 31, com 8 anos espera-se um EB = 47, e com 9 anos EB de 58. Os escores brutos obtidos no subteste de Leitura, portanto, foram 0, 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 19, 63, 64, e 66.

Analisando os 51 alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos, foram alcançadas pontuações entre 0 e 64. Ficaram com até 30 pontos, 49 alunos (24=F, 25=M), que era o previsto para alunos abaixo de 7 anos. Uma aluna fez 63 e um aluno 64 pontos, e ficaram acima do previsto para crianças de 7 anos, que era 31 pontos.

Os alunos do segundo ano, com 7 anos, atingiram pontuação 0 e 66, sendo que 5 alunos (2=F, 3=M) obtiveram pontuação 0, embora o previsto para a idade fosse 31 pontos e apenas 1 aluna obteve pontuação 66, e está bem acima do previsto para alunos de 7 anos.

A aluna e o aluno do terceiro ano, com 8 anos, obtiveram pontuação 0, embora o previsto para sua idade fosse 47.

O aluno do quarto ano, com 9 anos, obteve 66 pontos, e está acima do previsto para sua idade, uma vez que a previsão para 9 anos é 58 pontos.

A seguir verifica-se, na Tabela 7, o Escore Bruto dos alunos no subteste de Leitura de acordo com sexo e ano escolar.

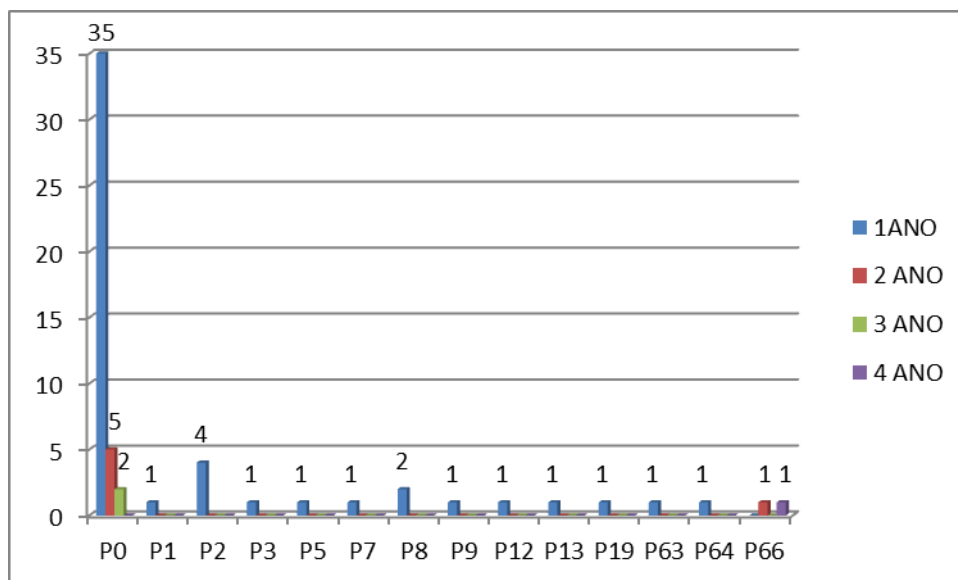
Tabela 7 – Escore Bruto dos alunos por sexo e ano no subteste de Leitura

Pontuação	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
0	F	18	2	1	0	21
	M	17	3	1	0	21
1	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
2	F	2	0	0	0	2
	M	2	0	0	0	2
3	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
5	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
7	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
8	F	0	0	0	0	0
	M	2	0	0	0	2
9	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
12	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
13	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
19	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
63	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
64	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
66	F	0	1	0	0	1
	M	0	0	0	1	1
Total	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Verifica-se, no Gráfico 5, a pontuação geral dos alunos no subteste de Leitura de acordo com o ano escolar.

Gráfico 5 – Pontuação dos alunos no subteste de Leitura conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Após verificar a pontuação dos Escores Brutos dos alunos, é possível verificar sua classificação no subteste de Leitura.

Por haver diferença na divisão da classificação entre os alunos de primeiro e segundo anos, e os alunos de terceiro e quarto anos, considera-se para primeiro e segundo anos Inferior para o aluno que alcançasse até 1 ponto, Médio Inferior a classificação de 2 a 38 pontos, Médio Superior entre 39 e 62 pontos, e Superior com 63 pontos ou mais.

Assim, dos 51 alunos do primeiro ano, 36 alunos (18=F, 18=M) foram classificados em Inferior, 13 alunos (6=F, 7=M) obtiveram classificação Médio Inferior, e 2 alunos (1=F, 1=M) obtiveram classificação Médio Superior.

Entre os 6 alunos do segundo ano, 5 alunos (2=F, 3=M) ficaram na classificação Inferior e 1 aluna ficou na classificação Superior.

A classificação foi dividida apenas em Inferior, Médio e Superior para os alunos de terceiro e quarto anos.

Para o terceiro ano, a classificação é Inferior até 57 pontos, Médio entre 58 e 66 pontos, e Superior 67 pontos ou mais. Assim, os dois alunos do terceiro ano (1=F, 1=M) obtiveram Classificação Inferior.

No quarto ano, a classificação é Inferior até 65 pontos, Médio entre 66 e 68 pontos, e Superior 69 pontos ou mais. Então, o aluno do quarto ano foi classificado como Médio.

Na Tabela 8 verifica-se a classificação dos alunos no subteste de Leitura.

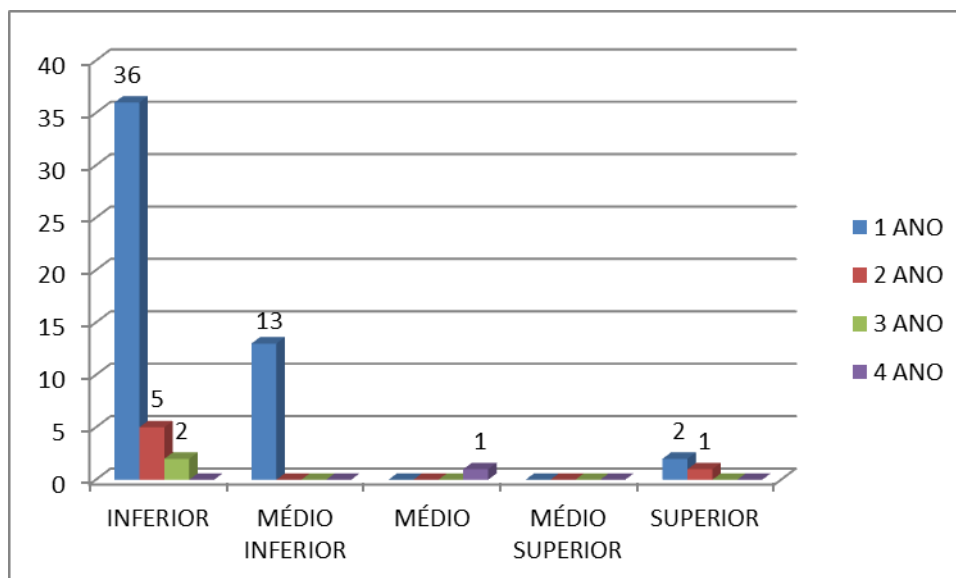
Tabela 8 – Classificação dos alunos por sexo e ano no subteste de Leitura

CLASSIFICAÇÃO	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
INFERIOR	F	18	2	1	0	21
	M	18	3	1	0	22
MÉDIO INFERIOR	F	6	0	0	0	6
	M	7	0	0	0	7
MÉDIO	F	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	1	1
SUPERIOR	F	1	1	0	0	2
	M	1	0	0	0	1
TOTAL	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No Gráfico 6 a seguir, é possível verificar a classificação geral dos alunos no subteste de Leitura de acordo com o ano escolar.

Gráfico 6 – Classificação dos alunos no subteste de Leitura conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A pontuação total também tem uma previsão dos Escores Brutos conforme a idade no Teste de Desempenho Acadêmico (STEIN, 2015). Portanto, no Escore Bruto Total está previsto que abaixo de 7 anos o aluno obtenha o EBT $<$ ou $=$ a 44, com 7 anos espera-se EBT 45, com 8 anos prevê-se EBT de 73, e com 9 anos EBT = 93. Dessa maneira, os escores brutos totais obtidos pelos alunos foram 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 19, 21, 25, 84, 93 e 101.

Os 51 alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos, obtiveram pontuações entre 0 e 84. Sendo que 49 alunos (24=F, 25=M) ficaram com menos ou igual a 44 pontos e 45 pontos previstos para alunos com idade abaixo de 7 anos e 7 anos, respectivamente. Uma aluna e um aluno fizeram 84 pontos, e ficaram acima do previsto para alunos de 7 anos, que era 45 pontos.

No segundo ano, alunos com 7 anos, os 6 alunos obtiveram pontuações entre 2 e 6 e pontuação 93. O EBT previsto para alunos com 7 anos é de 45 pontos. Assim, 5 alunos (2=F, 3=M) obtiveram pontuação entre 2 e 6, apesar do previsto para a idade ser maior. E apenas 1 aluna obteve pontuação 93, ficando acima do previsto para alunos de 7 anos.

No terceiro ano, os alunos possuem 8 anos e obtiveram pontuação 3 (F) e 5 (M), apesar de ser 73 o EBT previsto para sua idade.

O aluno do quarto ano, de 9 anos, obteve 101 pontos, e está acima do previsto para sua idade, sendo que o previsto para 9 anos são 93 pontos.

Verifica-se, na Tabela 9, o Escore Bruto Total dos alunos de acordo com sexo e ano escolar.

Tabela 9 – Escore Bruto Total dos alunos por sexo e ano

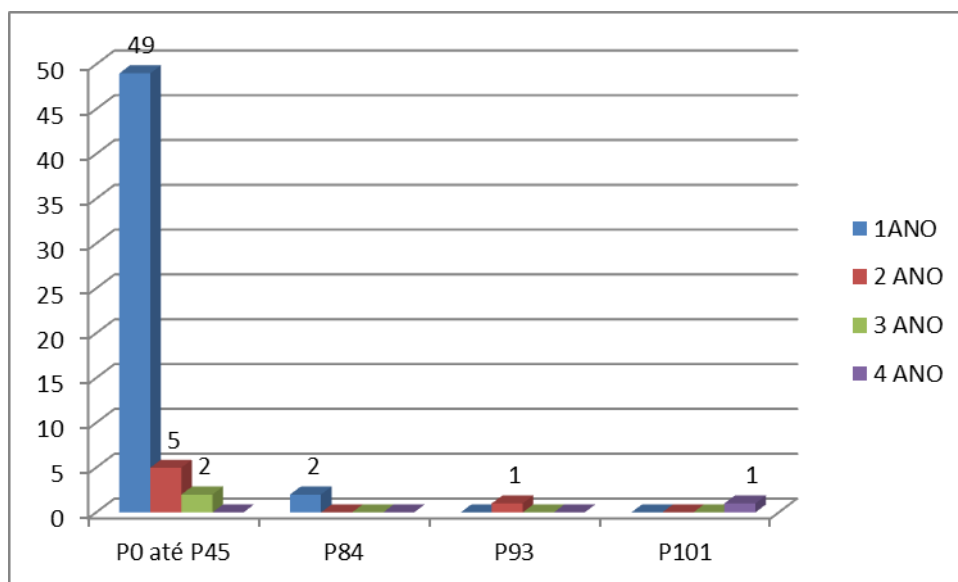
Pontuação	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
0	F	0	0	0	0	0
	M	2	0	0	0	2
1	F	3	0	0	0	3
	M	4	0	0	0	4
2	F	5	1	0	0	6
	M	1	0	0	0	1
3	F	5	1	1	0	7
	M	4	1	0	0	5
4	F	2	0	0	0	2

	M	3	1	0	0	4
5	F	1	0	0	0	1
	M	3	0	1	0	4
6	F	1	0	0	0	1
	M	0	1	0	0	1
7	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
8	F	1	0	0	0	1
	M	2	0	0	0	2
10	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
11	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
12	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
13	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
16	F	0	0	0	0	0
	M	1	0	0	0	1
19	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
21	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
25	F	1	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
84	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
93	F	0	1	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
101	F	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	1	1
Total	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No Gráfico 7 é possível verificar a pontuação geral Total dos alunos de acordo com o ano escolar.

Gráfico 7 – Pontuação Total dos alunos conforme o ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com os Escores Brutos Totais é possível identificar a classificação total dos alunos.

Considera-se para primeiro e segundo anos Inferior para o aluno que alcance até 8 pontos, classificação Médio Inferior de 9 a 54 pontos, Médio Superior entre 55 e 89 pontos, e Superior 90 pontos ou mais.

Dessa maneira, dos 51 alunos do primeiro ano, 39 alunos (19=F, 20=M) foram classificados em Inferior, 10 alunos (5=F, 5=M) obtiveram classificação Médio Inferior, e 2 alunos (1=F, 1=M) obtiveram classificação Médio Superior.

Entre os 6 alunos do segundo ano, 5 alunos (2=F, 3=M) ficaram na classificação Inferior e 1 aluna ficou na classificação Superior.

Para os alunos de terceiro e quarto anos a classificação foi dividida apenas em Inferior, Médio e Superior. Para o terceiro ano, até 86 pontos a classificação é Inferior, entre 87 e 105 pontos o aluno é classificado como Médio, e 106 pontos ou mais classificado como Superior. Dessa maneira, os dois alunos do terceiro ano (1=F, 1=M) obtiveram Classificação Inferior.

No quarto ano, até 101 pontos a classificação é Inferior, entre 102 e 112 pontos o aluno é classificado como Médio, e 113 pontos ou mais classificado como Superior. Assim sendo, o aluno do quarto ano foi classificado como Inferior.

Verifica-se, na Tabela 10, a classificação Total dos alunos por sexo e ano.

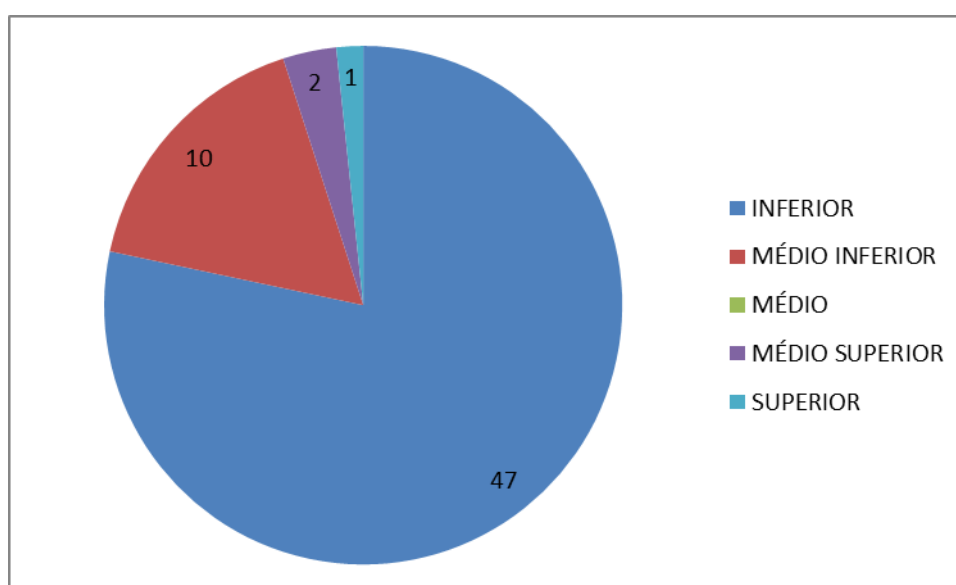
Tabela 10 – Classificação Total dos alunos por sexo e ano

CLASSIFICAÇÃO	SEXO	f1 ANO	f2 ANO	f3 ANO	f4 ANO	fTOTAL
INFERIOR	F	19	2	1	0	22
	M	20	3	1	1	25
MÉDIO INFERIOR	F	5	0	0	0	5
	M	5	0	0	0	5
MÉDIO SUPERIOR	F	1	0	0	0	1
	M	1	0	0	0	1
SUPERIOR	F	0	1	0	0	1
	M	0	0	0	0	0
TOTAL	F	25	3	1	0	29
	M	26	3	1	1	31
TOTAL		51	6	2	1	60

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No Gráfico 8 verifica-se a Classificação Total dos alunos conforme a classificação no Escore Bruto Total.

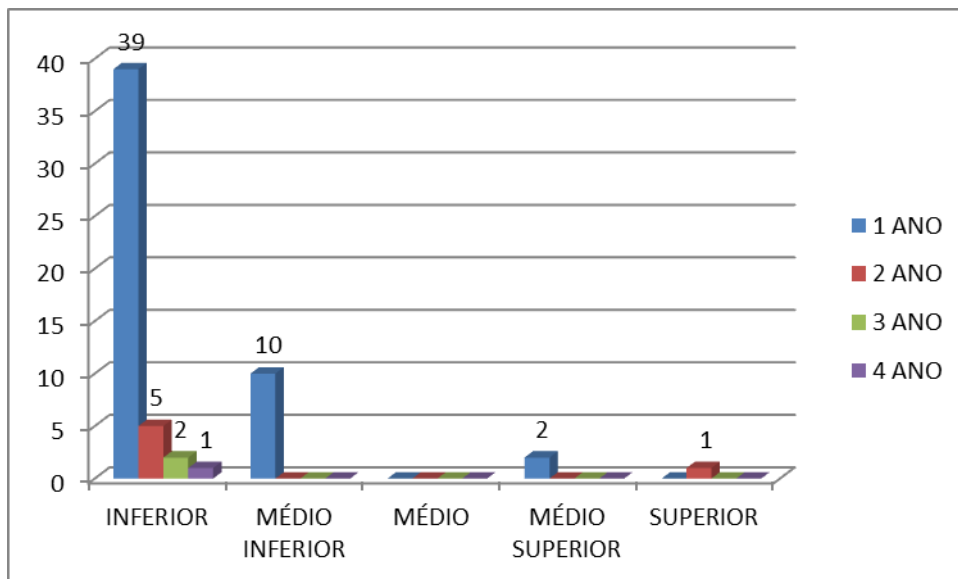
Gráfico 8 – Classificação Total dos alunos



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Já no Gráfico 9 a seguir é possível verificar a Classificação Total dos alunos de acordo com o ano escolar.

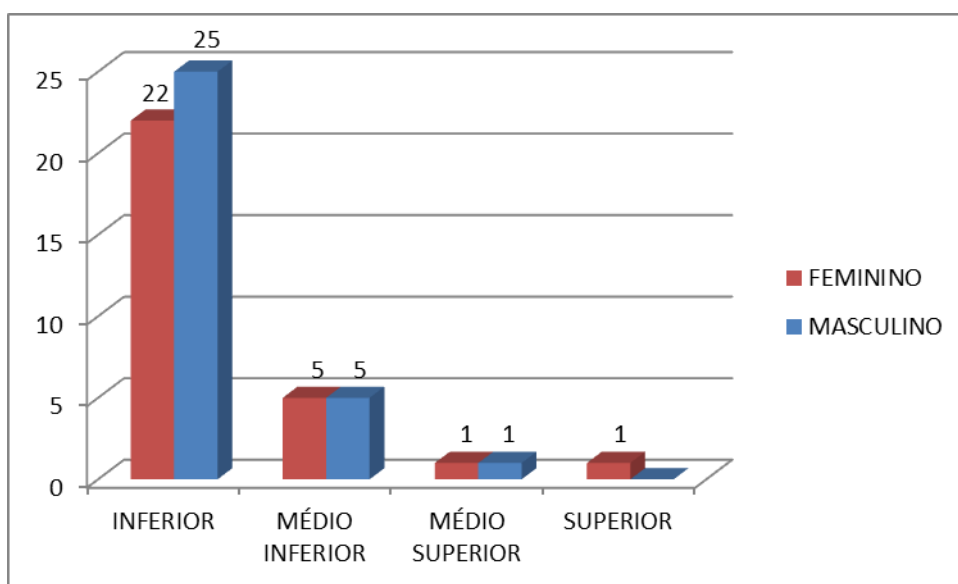
Gráfico 9 – Classificação Total dos alunos conforme ano escolar



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Por fim, no Gráfico 10 é possível verificar a Classificação Total dos alunos de acordo com o sexo.

Gráfico 10 – Classificação Total dos alunos de acordo com o sexo



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

6 DISCUSSÕES

De maneira geral, verificou-se que, assim como no estudo de Mendonça (2015), foram encontrados índices mais altos de classificação inferior, ou seja, a maioria dos alunos encontra-se na classificação inferior. Além disso, Mendonça (2015) encontrou que os alunos de sua pesquisa apresentaram melhor desempenho em leitura do que nos demais subtestes, o que também foi encontrado na presente pesquisa, uma vez que ao observar as classificações dos subtestes encontrou-se 2 alunos com classificação médio superior e 1 aluno superior no subteste de escrita, 2 alunos com classificação médio superior no teste de aritmética e 3 alunos com classificação superior no teste de leitura.

Tais achados da presente pesquisa em acordo com a literatura chamam a atenção para o fato de a maioria dos alunos obterem Classificação Inferior no TDE, o que pode indicar um fracasso escolar da realidade brasileira na educação básica.

No sentido contrário ao objetivo desta pesquisa, o qual foi avaliar o desempenho acadêmico de alunos do Ensino Fundamental I, a fim de descrever o desempenho acadêmico e identificar alunos com indicativos de AH/SD do tipo acadêmico, por meio do uso do TDE, Capellini (2004) utilizou, dentre outros, o TDE para verificar o rendimento acadêmico de alunos com deficiência intelectual em comparação com o desempenho dos demais alunos, sem deficiência, das turmas nas quais estavam inseridos.

Lopes, M. (2015) apontou que os alunos com altas habilidades/superdotação não tem sido identificados e tão pouco atendidos. Com essa afirmação, a autora destacou que a identificação deve ser o primeiro passo a ser adotado pelos sistemas educacionais, oferecendo desafios aos professores, tais como, saber como identificar e desenvolver propostas pedagógicas adequadas às necessidades de seus alunos com AH/SD. Neste sentido, a autora realizou um levantamento dos alunos com indicativos de altas habilidades e verificou, de maneira geral, o conhecimento dos professores sobre o tema e sua atuação com tais alunos em sala de aula. Por isso, a Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2006) assinalou que com informações adequadas, o professor se torna um profissional de grande importância na identificação desses alunos.

Lopes, J. (2015) elaborou, aplicou e avaliou um Programa de Formação Continuada para professores nas modalidades presencial e à distância, sobre o tema Dotação e Talento, para o auxílio aos professores no processo inicial de identificação de sinais de dotação e talento de seus alunos, bem como, proporcionar subsídios aos professores quanto ao

atendimento educacional desses alunos, dentro e fora da sala de aula comum, para que após uma possível identificação, esses professores tivessem uma base inicial de trabalho. Resultou em seu estudo que, após a formação, os professores sentem mais segurança para realização da identificação dos seus alunos com AH/SD, ampliando a realização de uma “triagem aprofundada no processo de identificação, com avaliação multimodal e com a participação de diversos profissionais e pessoas do convívio de quem passará pela avaliação” (LOPES, J. 2015, p. 98).

Dessa maneira, Mendonça (2015) utilizou, além de outro teste padronizado, o TDE como medida inicial para identificar pessoas com altas AH/SD, ou seja, “um instrumento de triagem, para realizar um levantamento dos alunos com possíveis sinais de AH/SD” (MENDONÇA, 2015, p. 37). Em Brasil (2006), é apontada a necessidade de utilização de várias fontes de coleta de dados para identificação de alunos com AH/SD, tais como entrevistas, observações, sondagens do rendimento e desempenho escolar, análise de produções e outros.

A presente pesquisa vai ao encontro com tal achado, tendo em vista que é possível, com a identificação inicial dos alunos que encontram-se na classificação Superior nos subtestes deste estudo, aprofundar a investigação e confirmar se eles realmente podem ser alunos com AH/SD, assim como afirmou Lopes, M. (2015), que considerou oportuno o desenvolvimento de pesquisas que dêem continuidade ao seu estudo com o intuito de verificar se de fato os alunos com indicativos de altas AH/SD de sua pesquisa se confirmam como tal.

Neste sentido, Lopes, M. (2015) afirmou que os alunos que obtiveram alto índice de indicativos precisam ser urgentemente submetidos a outras avaliações para verificar a confirmação ou não das AH/SD. Além disso, um número considerável de professores nunca foi orientado sobre o trabalho com alunos com AH/SD, visto que, “a falta de identificação de alunos com AH/SD, os mitos existentes na área e desconhecimento sobre características das AH/SD, podem explicar o número elevado de professores que declararam nunca ter lecionado para alunos com AH/SD” (LOPES, M., 2015, p. 52).

Assim foi verificado na pesquisa de Lopes, M. (2015), na qual foi realizada observação de uma aluna com AH/SD de 10 anos em sua turma, que a maneira com que a professora conduzia as aulas não apresentou grandes desafios, não são desenvolvidas atividades diferenciadas ou extras à aluna com AH/SD, ela não participa de programas de suplementação curricular e não faz parte do AEE por não haver tal atendimento aos alunos com AH/SD na rede pública estudada.

Ao finalizar é possível confirmar que o TDE apresenta relevância, assim como apontou Mendonça (2015), que o TDE tem sido utilizado para avaliar dificuldades de aprendizagem e facilidades encontradas pelos alunos em contexto escolar, porém, relatou da “importância da atualização, com correspondência para o ensino fundamental de nove anos” (MENDONÇA, 2015, p. 31).

Assim como no presente estudo, Mendonça (2015) afirmou que apesar de existirem outras áreas de AH/SD, foi identificado o desempenho acadêmico superior dos alunos com essas características pela dificuldade de instrumentos que avaliem as demais áreas, como música, liderança e até mesmo esportes.

7 CONCLUSÕES

Tendo em vista que o objetivo deste estudo foi avaliar o desempenho acadêmico de alunos do Ensino Fundamental I, visando a descrever o desempenho acadêmico, com vistas a identificar alunos com indicativos de altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico, verificou-se que o desempenho acadêmico dos alunos em cada subteste foi:

- Subteste de Escrita: uma aluna e um aluno do primeiro ano obtiveram Classificação Médio Superior e uma aluna do segundo ano obteve Classificação Superior;
- Subteste de Aritmética: um aluno do primeiro ano e uma aluna do segundo ano obtiveram Classificação Médio Superior, e não houve alunos na Classificação Superior;
- Subteste de Leitura: uma aluna e um aluno do primeiro ano e uma aluna do segundo ano obtiveram Classificação Superior;
- Classificação Total: um aluno e uma aluna do primeiro ano foram classificados em Médio Superior e uma aluna do segundo ano foi classificada em Superior.

Conclui-se, ao verificar o desempenho acadêmico total dos alunos, que uma aluna do segundo ano encontra-se no nível Superior, o que pode ser um indicativo de altas habilidades/superdotação do tipo acadêmico da mesma. Isso implica que essa aluna deve ser observada e encaminhada por seus professores ao AEE, a fim de desenvolver suas habilidades, já apresentadas, de acordo com suas potencialidades.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que com essa pesquisa haja contribuição para a identificação de modo mais seguro de alunos com indicativos de AH/SD, bem como, a partir dos dados coletados, esta população passe a ter acesso ao AEE, para potencializar os seus talentos e potencialidades.

Neste sentido, esta pesquisa serve como avaliação inicial dos alunos com AH/SD, uma vez que estes estudantes que apresentaram bom desempenho no TDE devem realizar uma avaliação mais ampla, com uso de testes como o Teste de QI, pois o TDE apresenta limitações e, dessa maneira, testes complementares aprofundariam a avaliação para confirmar a existência ou não de AH/SD do tipo acadêmico. Mesmo assim, o TDE é o mais utilizado nas pesquisas por se tratar do único teste brasileiro validado.

Além disso, vale ressaltar que muitos professores desconhecem a existência do instrumento TDE. Ideal seria se os professores tivessem conhecimento de tal instrumento e aplicassem com todos seus alunos como uma maneira de acompanhamento do desenvolvimento do desempenho acadêmico dos mesmos.

Novas pesquisa podem elaborar novos testes de avaliação de desempenho acadêmico ou buscar a atualização do TDE para o ensino fundamental de 9 anos, adequando o teste ao cenário atual da educação.

Finaliza-se destacando a importância da investigação sobre esta temática, como, por exemplo, com a elaboração de novos instrumentos que sejam capazes de avaliar não apenas o desempenho acadêmico, que pode ser uma sondagem para as pessoas com AH/SD do tipo acadêmico, mas a elaboração de instrumentos que avaliem outras habilidades, que estão presentes em pessoas com AH/SD do tipo produtivo criativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1961.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. 1971.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/1996.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Adaptações curriculares. Estratégias para educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Secretaria de educação fundamental. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especializadas de alunos com altas habilidades/superdotação. Coordenação geral. SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial. 2006.

BRASIL. **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF.

BRASIL. **Lei nº 12796/2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Publicada em 04 de abril de 2013.

CAPELLINI, V. L. M. F. **Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental**. 2004. 300f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B. **Altas habilidades/superdotação**: atendimento especializado. Marília: ABPEE, 2012. 2.ed. revista e ampliada.

GUIMARÃES, T. G.; OUROFINO, V. T. A. T. Estratégias de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais**

para alunos com altas habilidades/superdotação. Volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2007.

LOPES, J. F. **Dotação e talento:** comparação das modalidades presencial e a distância de um programa de formação continuada para professores. 2015. 136f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

LOPES, M. C. **Altas habilidades ou superdotação:** um estudo em uma diretoria de ensino da rede estadual paulista. 2015. 74f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

MENDONÇA, L. D. **Identificação de alunos com altas habilidades ou superdotação a partir de uma avaliação multimodal.** 2015. 129f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D.; FREITAS, S. N. Altas habilidades/superdotação: abordagem ao longo da vida. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 46, p.401-420, 2013.

NEGRINI, T.; FREITAS, S. N. A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 32, p.273-264, 2008.

RENZULLI, J. S. **The three-ring conception of giftedness:** A developmental model for promoting creative productivity. In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.), *Conceptions of Giftedness*. New York: Cambridge University Press, 2005. pp. 246-279.

SABATELA, M. L.; CUPERTINO, C. M. B. Práticas educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação.** Volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 2007.

STEIN, L. M. **TDE:** teste de desempenho escolar: manual para aplicação e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, 3ª reimp. da 1ª ed. de 1994.

WINNER, E. **Crianças superdotadas:** mitos e realidades. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.